



MULHERES — TRILOGIAS E OUTROS CONTOS, DE ROSABELA AFONSO. EDITORIAL NOVEMBRO (2023)

[10.29073/naus.v6i1.867](https://doi.org/10.29073/naus.v6i1.867)

RECEÇÃO: 16 de dezembro de 2023.

APROVAÇÃO: 16 de dezembro de 2023.

PUBLICAÇÃO: 28 de dezembro de 2023.

AUTOR/A: Luísa Fresta, Angola/Portugal, lulotapt@yahoo.com.br.

Rosabela é uma autora realista (como referido pela Isabel Lousada, no prefácio, o qual proporciona uma leitura fundamental, sensível, pessoal e insubstituível, olhando com profundidade para o alcance dos textos e para a sua dimensão humana e interventiva). A autora tem uma pluma leve e fluida, coerente e sintética, acessível a vários públicos, sobretudo leitores jovens e adultos, no caso da obra sobre a qual refletimos hoje: *Mulheres — Trilogias e Outros Contos*. A sua escrita é sempre direta, cortante, clara, empolgante. De alguma forma podemos dizer que estas características compõem ou são parte da sua identidade literária, cada vez mais reconhecível.

A obra inclui seis contos independentes e quatro trilogias. As narrativas tanto se desenrolam ao longo do tempo, relativamente a uma mesma personagem e ao meio envolvente – como no caso de *CLARINHA/CLARA* e *CLARA, A VELHA DOS SILÊNCIOS* — como incluem vários textos entre os quais se desenha um paralelismo perceptível, como em *MARIA DA CONCEIÇÃO/MARIA DA GLÓRIA* e *MARIA DO CARMO*.

Nesta obra, destacamos o cunho dramático, o tom de tragédia anunciada. Exalta-se a inevitabilidade da vida e da morte e reflete-se a cada passo sobre os conceitos de determinismo e de livre-arbítrio. O livro de Rosabela é de leitura fácil, na melhor aceção do termo, sem jamais ser ligeiro: contém, como esperado, pouca adjetivação, muita informação e ação — resquícios, quem sabe, da sua faceta de jornalista, que marca, em muitos casos, o estilo das narrativas. Rosabela afirma-se cada vez mais claramente (e esta obra vem confirmá-lo) como uma exímia contista: segura e com voz própria, com um olhar maduro sobre a sociedade e o indivíduo.

São aqui tratados temas muito fortes e dolorosos em que as mulheres e as crianças¹ estão sempre em primeiro plano, sejam quais forem as idades, as origens familiares e a condição socioeconómica. Como vítimas, como cuidadoras, como heroínas e batalhadoras incansáveis, procurando sempre soluções nos escombros da vida, tentando juntar os cacos. Personagens fortíssimas, do ponto de vista emocional, cerebral e literário. Mulheres ou meninas inspiradoras que sofrem e renascem, que ressuscitam e se reconstroem como podem, que suscitam empatia e um olhar mais demorado. Os títulos dos contos são também bastante auspiciosos, curtos e abrindo um véu sobre a história, na medida certa.

Só a autora poderá falar com propriedade das suas fontes de inspiração (para esta obra em particular), mas depreendemos que se baseia na análise da sociedade portuguesa contemporânea, das suas fragilidades e capacidade de se reerguer das circunstâncias mais difíceis, no limite do suportável, resvalando para abismos insondáveis.

Ligam-me, a este livro, dois importantes pormenores citados afetuosamente por Rosabela Afonso no momento da apresentação pública da obra: o desenho da capa (nascido espontaneamente da observação de uma foto da autora) e o título do conto *A FADA DAS VINHAS*. A verdade é que a TRILOGIA II refere o nome pelo qual era conhecida a

¹ Logo a seguir ao prefácio, a autora optou por incluir o seu poema intitulado *SOU CRIANÇA NÃO AMADA*, inspirado numa tragédia que marcou a sociedade portuguesa. No dia 31/03/23 tive a honra de ler este texto na cerimónia de lançamento da obra, na biblioteca do Palácio Galveias, em Lisboa.



minha Mãe desde a infância: Clarinha. Trata-se de uma coincidência, mas marcante para mim, como leitora, de tal forma que li as narrativas de forma desordenada, desrespeitando o mais elementar bom senso e regras de leitura disciplinada, que se supõe respeitarem a sequência normal dos textos. O que prova que fazemos uma leitura cerebral, mas também emocional, espontânea, por vezes com sofreguidão, o que talvez nos permita assimilar a obra em vários planos.

Sobre as restantes trilogias, em *A QUESTÃO/A DECISÃO/A SOLUÇÃO* (TRILOGIA I) podemos conjecturar sobre o poder do amor sobre a morte, a insanidade e a dor. A narrativa apresenta-nos uma circunstância extrema, a qual desencadeia processos psicológicos de luto e revolta até se vislumbrar uma solução baseada na aceitação. Dir-se-ia que a própria esperança encontra raízes no sofrimento e daí brotam caminhos e vidas renovadas.

MARIA DA CONCEIÇÃO/MARIA DA GLÓRIA/MARIA DO CARMO, as histórias que compõem a TRILOGIA III, permitem à autora evidenciar o poder da fraternidade entre mulheres, também referida hoje como sororidade, um termo que ganha cada vez mais adeptos/adeptas. Aqui se fala de infidelidade e deslealdade, de estoicismo e determinação, de coragem para romper com relações tóxicas. E também da capacidade de dissimulação: algumas pessoas conseguem, com grande facilidade e durante longos períodos, manter uma imagem pública irrepreensível em simultâneo com comportamentos desrespeitosos, cruéis, violentos, inimagináveis e enganadores, em privado. Ou seja, trata-se de segmentar a sua vida mantendo o que consideram ser o melhor de vários mundos (inconciliáveis).

Já na TRILOGIA IV (*MENTIRAS/VERDADES/EQUILÍBRIOS*) destacam-se outros aspetos importantes nos relacionamentos e na construção da personalidade. O dom inato para a mentira, a mentira social, piedosa, ríspida, como forma de proteção/rejeição e de preservar um mundo intocável, a mentira como forma de vida, como reflexo automático, como recusa de escutar ativamente o outro, como gesto de rejeição do afeto e da intimidade e expressão do egocentrismo.

“[...] Aprendi que a verdade é a forma séria e ideal das pessoas se relacionarem, mas com cortesia, e aí está o equilíbrio das coisas [...]”, pensa Mariana em *VERDADES*, cogitando sobre a dignidade que resulta do equilíbrio entre verdade e mentira (p. 103).

Quanto às restantes narrativas, o leitor rapidamente descobrirá que os textos destacam o melhor e o pior do ser humano, como uma estranha tendência para o individualismo e a indiferença, inclusive no seio da família. Nos círculos onde esperaríamos ser mais protegidos e acarinhados deparamo-nos, muitas vezes, com ausência total de afeto, com agressões continuadas e convive-se com o ímpeto destruidor de quem não tem nada de positivo para oferecer. Mas também parece haver esperança quando existe apenas falta de habilidade e de treino para o convívio pacífico entre familiares e não exatamente uma distância cultivada, uma hostilidade estudada.

Muito mais haverá para desvendar pelos leitores de língua portuguesa. Esta obra sugere uma leitura por camadas: ler para compreender, tomar conhecimento, refletir e, por fim, talvez agir, com as ferramentas que cada um de nós possui sem sequer disso se aperceber. Em todo o caso, não seremos as mesmas pessoas depois de sermos tocados por *Mulheres — Trilogias e Outros Contos*.

REFERÊNCIAS

Afonso, R. (2023). *Mulheres — Trilogias e Outros Contos*. Editorial Novembro.



DECLARAÇÃO ÉTICA

CONFLITO DE INTERESSE: Nada a declarar. **FINANCIAMENTO:** Nada a declarar.



Todo o conteúdo do NAUS — REVISTA LUSÓFONA DE ESTUDOS CULTURAIS E COMUNICACIONAIS é licenciado sob Creative Commons, a menos que especificado de outra forma e em conteúdo recuperado de outras fontes bibliográficas.